

Práticas de leitura compartilhada nos clubes Leia Mulheres: estudo exploratório com mediadoras de leitura¹

Jean Silveira ROSSI²

Liliane Dutra BRIGNOL³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente artigo possui como objeto de pesquisa o Leia Mulheres, considerado o maior clube de leitura sem fins lucrativos no país. O trabalho é recorte de dissertação de Mestrado em Comunicação em andamento que busca, pelo viés dos estudos de recepção, compreender as mediações que configuram as práticas de leitura nesses espaços de sociabilidade. Mediante reflexões sobre leitura, apresentamos a análise inicial de dados empíricos provenientes de observação e de um estudo exploratório com 54 mediadoras de leitura atuantes no Leia Mulheres. Assim, apontamos as questões de gênero e os usos de redes sociais enquanto importantes mediações que ajudam a configurar as práticas de leitura nessas comunidades, seja diante das maneiras pelas quais essas mulheres coordenam os clubes ou das estratégias utilizadas para o compartilhamento de experiências literárias em ambientes digitais e presenciais.

Palavras-chave: Recepção; Práticas de Leitura; Clube de Leitura; Mediação de Leitura; Leia Mulheres.

Introdução

O presente artigo é um recorte de dissertação em desenvolvimento na linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, RS. A pesquisa de mestrado busca compreender, pelo viés dos estudos de recepção e de reflexões sociológicas sobre leitores, as mediações que configuram as práticas de leitura nos clubes Leia Mulheres.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel em Produção Editorial, UFSM, e-mail: jeanrossi109@gmail.com.

³ Orientadora. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos e professora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail: lilianebrignol@gmail.com.

Parte-se, em um primeiro momento, da noção de leitura enquanto uma prática cultural mediada, não somente por mediação de professores, bibliotecários ou pais, mas também mediante o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por leitores em diferentes contextos socioculturais. Assim, compreendemos que “las tecnologías se constituyen entonces en objetos para ser indagados y en objetos para indagar” (ARDÈVOL; STALELLA; DOMÍNGUEZ, 2008, p. 2) ou seja, as mediações tecnológicas perpassam não apenas pela relação dos sujeitos investigados com o mundo, como também pela prática tecnológica própria da investigação científica na Internet. Dito isso, tencionamos que as TICs medeiam as relações dos clubes Leia Mulheres, sendo também tecnologias mediadoras da representação e produção do nosso saber científico como investigadores desse fenômeno em ambientes virtuais e presenciais.

Em diálogo com Roger Chartier, Pierre Bourdieu (2011, p. 248) afirma que há “inúmeros pré-saberes que não se veiculam pela leitura, mas que contudo a orientam”. O autor complementa que sociólogos da leitura não devem apenas perguntar às pessoas quais livros elas leem, mas também como elas leem. Levando em consideração uma abordagem sociológica das práticas de leitura, propomos que nos clubes Leia Mulheres as questões de gênero e os usos da Internet são dois importantes “pré-saberes” ou “mediações” que configuram e orientam os modos de ler nessa comunidade de leitoras. Ressaltamos que as duas mediações propostas são de ordens distintas: a primeira de categoria identitária, e a segunda de caráter tecnológico. No entanto, analisadas em conjunto com os dados levantados até o momento, apresentaram-se necessárias para compreensão aprofundada do nosso objeto de estudo.

A partir de uma abordagem barberiana das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2018), Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2014, p. 72) destaca que as mediações são importantes por “reconhecer que a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade”. Em complemento, Ana Carolina Escosteguy (2001) expõe que

Através das mediações é possível entender, fundamentalmente, a interação entre produção e recepção ou entre as lógicas do sistema produtivo e dos usos, ou seja, o que se produz nos meios não responde unicamente ao sistema industrial e à lógica comercial mas, também, a demandas dos receptores, ressemantizadas pelo discurso hegemônico. Enfim, são instituições, organizações sociais, sujeitos e matrizes culturais distintas. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 107).

Nesse sentido, as apropriações dos leitores são múltiplas, sobretudo em clubes de leitura⁴. De acordo com DeNel Sedo (2011), há indícios da existência da prática da leitura em público desde a Antiguidade. A pesquisadora relata que somente a partir do século X a leitura silenciosa começou a disputar espaço com a leitura em voz alta e, desde então, ambas as práticas coexistiram com intensidades distintas, conforme o local, o período histórico e os comportamentos dos leitores. (SEDO, 2011).

Na Europa e América do Norte, no final do século XX, com o aumento da interdisciplinaridade de campos – Estudos Culturais, Estudos de Comunicação, Ciência Política e Sociologia –, intelectuais dedicaram-se de maneira mais aprofundada a investigar as práticas de comunidades formadas por leitores jovens e adultos, em ambientes não formais de educação. Ao lançarem mão de distintas metodologias e teorias, suas análises percorrem desde as sociedades literárias do século XVIII até o compartilhamento de leituras via Internet na contemporaneidade. (SEDO, 2011).

No Brasil, as pesquisas sobre clubes de leitura fora de contextos escolares integram um campo fértil de estudos ainda pouco mapeado (FADANELLI; DALL'AGNOL, 2020), talvez porque é latente – e necessária – a preocupação acadêmica e educacional com a formação de leitores durante a infância. Nessa perspectiva, longe de apagar a extensa trajetória de estudos brasileiros sobre mediação de leitura em sala de aula e letramento literário, nossa tentativa é fomentar as investigações com leitores adultos de clubes de leitura contemporâneos.

Assim, escolhemos como objeto de pesquisa o clube Leia Mulheres, em razão da sua abrangência em todas as unidades federativas do Brasil, sendo considerado o maior clube de leitura sem fins lucrativos do país⁵. No Leia Mulheres, os círculos de leitura são organizados por mediadoras – atuantes em 161 municípios e no exterior⁶ – as quais gerenciam páginas e grupos em redes sociais digitais para divulgação de encontros presenciais abertos ao público, com a finalidade de ler e discutir obras de autoria feminina, possibilitando que escritoras mulheres ganhem maior visibilidade.

⁴ Adotaremos a terminologia de Rildo Cosson (2019), ao utilizar “círculo de literatura” para se referir à prática desta atividade na escola; “clube de leitura” ou “clube do livro” para encontros fora do ambiente educacional; e “círculo de leitura” como termo substituto de ambos contextos. Entendemos “clubes do livro” e “clubes de assinatura de livros” enquanto modalidades com distintas lógicas de funcionamento.

⁵ Matéria do jornal Estadão, disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,clubes-de-leitura-aproximam-pessoas-distraem-e-proporcionam-trocas-de-experiencia-no-isolamento,70003342172>>. Acesso em 12 set. 20.

⁶ Fora do Brasil, o clube está presente na cidade de Porto, em Portugal e na região de Aargau e Zurique, na Suíça. Dados coletados em julho de 2020 no site do projeto. Disponível em: <www.leiamulheres.com.br/sobre-nos/>. Acesso em 12 set. 20.

De acordo com a missão da iniciativa, igualmente interessa-nos contribuir para pesquisas no campo da Edição que versem sobre a importância das mulheres no mercado editorial, seja na ponta final da cadeia produtiva do livro, como receptoras – mediadoras e leitoras –, ou no início, no reconhecimento do trabalho de escritoras e editoras mulheres. Como destacado por Ana Elisa Ribeiro (2018), o ofício de profissionais do gênero feminino no mercado editorial muitas vezes foi omitido por pesquisadores no campo da História do Livro e da Leitura, assim como é apagada a história das mulheres em várias outras áreas do conhecimento.⁷

Michèle Petit (2010) evidencia que a participação majoritária de mulheres na formação de leitores pode ser percebida desde a infância, na figura da mãe que conta histórias de ninar e, posteriormente, da professora que ajuda a criança no seu letramento literário. Outro ponto interessante sobre a relação entre leitura e gênero está nos resultados das cinco edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que mede o comportamento dos leitores em âmbito nacional, os quais apontam as mulheres enquanto mais leitoras do que os homens. A última edição do estudo, realizada de outubro de 2019 a janeiro de 2020, revelou que entre os leitores de livros de literatura, 56% pertencem ao gênero feminino e 44% ao gênero masculino. (FAILLA, 2020).

A respeito do campo da Comunicação, um mapeamento das dissertações e teses, produzidas de 1972 a 2015 nos programas de mestrado e doutorado em Comunicação no Brasil, apontou que entre 13.265 pesquisas analisadas por palavras-chave, 2,3% possuem interface com os estudos de gênero. Se observarmos apenas os 316 trabalhos que relacionam Comunicação e Gênero, as problematizações que envolvem literatura representam 2%; enquanto aquelas relacionadas ao consumo e apropriação de múltiplas mídias contabilizam 4%. (TOMAZETTI, 2019).

Amparados, dessa maneira, pela evidência de lacunas acadêmicas onde nossa pesquisa se insere, discutiremos conceitos relativos à mediação de leitura e à leitura compartilhada no Brasil; apresentaremos brevemente o projeto Leia Mulheres com base em observação inicial em espaços digitais onde o clube disponibiliza conteúdo; e, por fim, exibiremos uma análise de dados empíricos provenientes de um estudo exploratório com 54 mediadoras atuantes no Leia Mulheres. A aproximação foi realizada por meio de

⁷ Essa problemática relaciona-se às pesquisas elaboradas pelo grupo de estudos Mulheres na Edição (CNPq/CEFET-MG), coordenado pelas professoras Ana Elisa Ribeiro, Renata Moreira e Maria do Rosário Pereira, do qual o autor participa virtualmente desde maio de 2020.

questionário aplicado em junho de 2020 em grupo de *WhatsApp*⁸, com o objetivo de conhecermos algumas particularidades sobre o clube, de maneira a contribuir para um primeiro contato com nossas interlocutoras.

Mediadores de leitura e compartilhamento literário

De acordo com a quinta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, entre os leitores de livros de literatura – independente do meio –, os professores e a escola representam os principais motivadores do primeiro incentivo à literatura (52%). As bibliotecas apareceram quase no fim da lista, com apenas 16% das respostas, menor índice se comparado aos clubes de leitura⁹, com 20% de participação no contato inicial com a literatura. Contudo, os clubes representam pouco espaço no consumo literário da maioria dos leitores, como podemos notar, por exemplo, em uma questão sobre os fatores que influenciam a escolha de um livro para compra, onde apenas 1% dos leitores selecionaram clubes de leitura. (FAILLA, 2020).

Embora as informações apresentadas revelem uma tímida participação dos clubes de leitura na vida dos leitores brasileiros, o estudo do Instituto Pró-Livro está longe de se comprometer em aprofundar essa temática, explorada em menções esporádicas. Ainda destacamos que a pesquisa não esclarece o que julga por “clube de leitura”, talvez considerando em maior número os clubes de assinatura de livros do que os círculos de leitura sem fins mercadológicos.

Nesse sentido, atentamos para o crescimento de círculos de leitura nos últimos anos, por meio de iniciativas entre grupos de amigos, em cafés, livrarias, bibliotecas, parques e, sobretudo, na Internet, a partir da mediação de *booktubers*¹⁰, de grupos de discussão online ou influenciadores digitais. Segundo Petit (2010), a ferramenta contribuiu para o progresso dos clubes literários, antes pouco investigados em pesquisas.

Majoritariamente aplicado por educadores e bibliotecários, o formato de círculos de literatura contribui para a formação leitora, acompanhando em maior intensidade o período escolar da infância à adolescência. No entanto, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)¹¹, instituído em 2006, ao dedicar um dos seus quatro eixos principais à

⁸ Na época, o grupo contabilizava cerca de 350 mediadoras dos mais de 160 clubes espalhados pelo país.

⁹ A alternativa de resposta englobava grupos, oficinas e clubes de leitura.

¹⁰ Criadores de conteúdo que falam sobre livros na plataforma Youtube.

¹¹ Disponível em <<http://antigo.cultura.gov.br/pnll>>. Acesso em 10 set. 20.

formação de mediadores, esclarece que a prática da mediação de leitura não integra somente escolas ou bibliotecas, mas também abrange ações literárias voltadas ao público adulto, com o intuito de propagar a leitura para além dos jovens. Nesse sentido, a organização de círculos ou clubes de leitura é uma importante aliada, não apenas para os jovens como também na manutenção de leitores após o período estudantil.

Rildo Cosson (2019, p. 154) assinala que são vários os tipos de círculos de leitura, mas, em geral, podem ser descritos enquanto “espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos”. Nesse sentido, a leitura compartilhada possui inúmeras vantagens, desde o apoio a leitores em situações adversas até a construção colaborativa para a leitura do mundo. (PETIT, 2010).

Mediante observações com grupos de leitura na América Latina, Petit (2010, p. 131) alerta que “os espaços de leitura compartilhada podem desencadear coisas bastante fortes”, por isso deve-se atentar para que as mediadoras literárias, em sua maioria mulheres, não sejam confundidas com terapeutas. O papel dos mediadores, portanto, localiza-se no nível cultural, sendo fundamental para o desenvolvimento e manutenção de clubes de leitura como espaços prazerosos e acolhedores. (PETIT, 2010).

O contato da antropóloga com mediadoras de leitura sugeriu que a maior parcela dessas agentes culturais está ligada a uma prática militante. Carentes de partidos políticos democráticos em seus países, utilizam-se das potencialidades da leitura compartilhada para criar coletivos literários de modo a “eliminar a repressão da fala e de produzir experiências estéticas transformadoras”, atividade semelhante aos círculos freirianos de cultura. (PETIT, 2010, p. 142).

Nessa perspectiva, Chartier (2011, p. 231) demarca que sobre o terreno da leitura “encontram-se colocados, como num microcosmo, os problemas passíveis de ser reencontrados em outros campos e com outras práticas”. Em vista disso, as práticas de leitura devem ser analisadas como práticas culturais inseridas em diferentes contextos individuais e coletivos dos leitores, e não como uma temática a ser deslocada do seu ambiente para ser investigada isoladamente, daí a proposta de pensar o gênero e as tecnologias na mediação da leitura no projeto Leia Mulheres. Interessa-nos, portanto, a ideia da leitura coletiva de escritoras mulheres por meio da construção de significados compartilhados provenientes de experiências individuais mediadas.

Os clubes Leia Mulheres

A mobilização social em rede #ReadWomen2014¹², promovida em 2014 no *Twitter* pela ilustradora inglesa Joanna Walsh, levou as brasileiras Juliana Leunroth, Michelle Henriques e Juliana Gomes a se unirem com o objetivo de criar um clube de leitura dedicado a obras de escritoras mulheres. A idealização do projeto resulta da passagem da mobilização global via Internet para espaços físicos – livrarias, bares e cafés. As fundadoras “aproveitaram o poder de alcance das redes sociais e adotaram a hashtag na versão traduzida para o português: #LeiaMulheres”. (LOUSA; SANTOS, 2016, p. 65).

Desse modo, o Leia Mulheres surge oficialmente no Brasil em março de 2015, quando aconteceu o primeiro encontro presencial do clube em São Paulo. O projeto configura-se em círculos de leitura, cujas únicas normas envolvem a organização dos clubes com a mediação de uma ou mais mulheres, a abertura dos encontros ao público em geral e, claro, a leitura de obras de autoria feminina.

De acordo com uma das fundadoras, em uma transmissão¹³ comemorativa dos cinco anos do projeto, a criação de redes sociais foi um fator importante para a expansão do clube pelo país. Por meio da página no *Facebook*, mulheres de outras capitais aderiram ao formato e às diretrizes do círculo e assim, sucessivamente. O primeiro contato, para mediadoras interessadas em criar clubes em suas cidades, é efetuado por intermédio de e-mail (contato@leiamulheres.com.br) às coordenadoras nacionais. (LEUNROTH, 2020).

Em julho de 2020, o clube estava presente em 161 cidades brasileiras, além de atuação em Portugal e na Suíça. O projeto conta com a colaboração voluntária de mais de 350 mediadoras na organização dos círculos. Algumas participantes também escrevem resenhas para publicação no website do Leia Mulheres, onde há uma preocupação constante com a disponibilização e atualização dos municípios ativos nos quais os encontros ocorrem. (LEUNROTH, 2020).

As coordenadoras expõem que muitas cidades possuem um grupo no *Facebook* ou uma página no *Instagram*. Para facilitar a procura de pessoas interessadas, elas aconselham as mediadoras a nomearem essas comunidades virtuais como “Leia

¹² A hashtag consistia em postagens de diversas pessoas ao redor do mundo em busca de mais representatividade para as mulheres no mercado editorial. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/womens-blog/2014/jan/20/read-women-2014-change-sexist-reading-habits>>. Acesso em 11 set. 20.

¹³ A transmissão, intitulada “Festival Leia Mulheres: Mesa de Abertura”, integrou o início do ciclo de palestras mensais promovidas pelo clube no Youtube a partir de julho de 2020. Foi transcrita em sua integridade e aparecerá ao longo do artigo como parte da observação inicial sobre o Leia Mulheres.

Mulheres”, seguido do nome da cidade e da sigla do estado. (LEUNROTH, 2020). Cada clube possui autonomia para escolha das obras e autoras a serem lidas, além dos procedimentos pelos quais se dará o acesso aos livros. As criadoras da iniciativa confessam que há uma divergência na realidade dos municípios, pois muitos ainda carecem de espaços de fomento à leitura:

Tem cidades no Brasil que não têm biblioteca e nem livraria... muitas cidades no Leia Mulheres vivem com essa realidade e então é muito normal que elas [mediadoras locais] mandem um calendário do ano inteiro [...] para gente para ajudar na divulgação [...] elas vão atrás de fazer compra conjunta, uma empresta pra outra, então varia muito [...] A gente sugere que as pessoas levem sempre em consideração que não sejam livros esgotados e caros e que sejam livros que variem de estilos e de autoria, então pensar em etnias, pensar em realidades diferentes, países, continentes... (LEUNROTH, 2020, ONLINE).

O relato das mediadoras nacionais do projeto demonstra que a mediação de leitura nos clubes Leia Mulheres é impactada por diversas dificuldades vivenciadas por muitos leitores no Brasil. Mesmo com as adversidades, inclusive de acesso à Internet, o uso das redes sociais possibilitou a criação de uma rede colaborativa de mediadoras de leitura em busca da promoção da literatura de autoria feminina.

Nesse sentido, apontamos a importância de investigar de forma mais aprofundada a atuação das mediadoras e o funcionamento dos clubes, enquanto exemplo de uma ação literária brasileira de incentivo à leitura que se vale de usos da Internet para articulação e interação entre o universo dos livros e as leitoras. Para tanto, a elaboração e aplicação de um questionário direcionado às mediadoras é, neste primeiro momento da pesquisa, uma tentativa de conhecer o perfil dessas agentes culturais e compreender as estratégias de mediação da leitura em contextos digitais e presenciais de comunicação.

Análise do questionário

A partir de inspirações etnográficas nos estudos de DeNel Sedo (2003), com clubes de leitura de mulheres norte-americanas, e de Michèle Petit (2010), com mediadoras de leitura na América Latina, além de base em observações iniciais do Leia Mulheres, durante maio de 2020 elaboramos um questionário na plataforma *Google Forms*, contendo 19 perguntas divididas em 4 seções: perfil, funcionamento do clube, consumo e mediação de leitura. Após essa etapa, em 6 de junho, iniciamos a troca de e-mails com as coordenadoras nacionais do projeto, através do contato informado no site

do Leia Mulheres. Primeiro foi apresentada a ideia da pesquisa, bem recebida pelas três fundadoras; em seguida encaminhamos para aprovação o *link* da pesquisa que sofreu apenas uma alteração¹⁴ e, por fim, no dia 22 de junho, a mediadora Michelle Henriques o divulgou no grupo de *WhatsApp* do clube, onde participavam mais de 350 mediadoras.

Coletamos 54 respostas, das quais 46 foram recebidas no dia da postagem e oito durante os quatro dias seguintes¹⁵. Ainda ressaltamos que não limitamos a participação de apenas uma mediadora por clube, então há a possibilidade de que duas ou mais coordenadoras do mesmo grupo tenham respondido o questionário.

Perfil das mediadoras: moradia, raça, idade, escolaridade e renda familiar mensal

A maior parte das respondentes foi proveniente da região Sudeste (42,6%), com maioria pertencente aos estados de São Paulo (18,5%), onde o clube começou, e Minas Gerais (18,5%). Entre as demais regiões, tem-se as mediadoras da região Nordeste (24,2%), Sul (22,3%), Norte (3,8%) e Centro-oeste (3,7%), além do retorno de duas mediadoras que moram no exterior (3,7%). Apesar do baixo índice de respostas provenientes do Rio de Janeiro (5,6%), os dados relacionam-se à concentração editorial no Brasil, o que pode indicar que em locais com grande número de livrarias e editoras, há mais incentivo para a formação dos clubes de leitura.

Em um recorte de raça, 66,7% das mediadoras autodeclararam-se brancas, enquanto 24,1% identificaram-se como pardas e 9,3% como negras ou pretas. Já em relação à idade, a média das respondentes encontra-se na faixa dos 30 anos, sugerindo momento da vida adulta com certa estabilidade financeira. A faixa etária oscilou entre 18 e 54 anos, portanto, mulheres jovens.¹⁶

Todas as 54 mediadoras indicaram, no mínimo, ensino superior incompleto, ou seja, possuem (ou possuíram) contato com o meio acadêmico. A maior parcela (37%) já está com pós-graduação completa; 25,9% apresentam o ensino superior completo, enquanto 20,4% ainda estão cursando uma graduação. O menor índice (16,7%) pertence

¹⁴ A pergunta envolvia os modos de acesso às obras. A solicitação foi para alterar a palavra “PDF” por “e-book”, justificada pelas diretrizes das coordenadoras em não compactuar com a pirataria de livros.

¹⁵ O documento esteve aberto a respostas até o dia 15 de julho. Segundo conversa informal com uma das respondentes, a mensagem foi reforçada pelas mediadoras nacionais alguns dias após o primeiro convite.

¹⁶ A partir dos estudos de Jenny Hartley, Michèle Petit (2010) expõe que em países anglo-saxões dois terços dos participantes de clubes de leitura são mulheres com mais de quarenta anos e, em sua maioria, com ensino superior completo.

às mediadoras estudantes da pós-graduação. Ainda, a maioria das mulheres pertence às classes C (38,9%) e D (40,7%), demonstrando que uma grande parcela das mediadoras do projeto está na classe média¹⁷.

De acordo com esses dados, podemos observar que embora o Leia Mulheres refute o caráter acadêmico em suas discussões, os encontros são mediados por mulheres com alto nível de escolaridade. Algumas acabaram confessando em resposta aberta que foram motivadas a entrarem no projeto pela atuação em áreas da Educação e Letras, o que revelou a necessidade de uma pergunta acerca do perfil profissional das mediadoras. As próprias fundadoras atuam no mercado editorial, no entanto não foi possível mapear essa questão referente às demais respondentes.

Funcionamento dos clubes: atuação, público, redes sociais e participação masculina

Quase metade dos clubes (48,2%) possui entre um e três anos de atuação; 29,6% mais do que três anos; e 22,2% menos de um ano, o que indica uma expansão mais acelerada nos últimos três anos, se comparada ao primeiro ano do projeto, quando contabilizava 30 municípios. Hoje o Leia Mulheres apresenta mais de 160 clubes.

Tratando-se dos encontros presenciais, mais da metade das mediadoras (55,6%) informou que o público variava de 11 a 20 pessoas nas reuniões; 38,9% dos encontros contabilizava até 10 pessoas; e uma pequena parcela (5,6%) apontou clubes com participação entre 21 a 40 pessoas.

Um aspecto atípico para a pesquisa deveu-se ao contexto mundial que permeou a aplicação do questionário, durante a pandemia do vírus COVID-19¹⁸. Por isso, incluímos uma pergunta sobre a manutenção dos clubes neste período de distanciamento social, a qual revelou que 74% das mediadoras migrou das reuniões presenciais para a modalidade online. Nessa questão apareceu um clube iniciante inaugurado durante a quarentena, mostrando que mesmo nesse período o projeto continua em expansão.

¹⁷ Divisão do perfil socioeconômico de acordo com o critério por Faixas de Salário-Mínimo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://thiagorodrigo.com.br/artigo/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge/bge/>>. Acesso em 18 set. 2020.

¹⁸ Doença infecciosa transmitida por gotículas produzidas nas vias respiratórias do indivíduo contaminado. Entre as medidas de prevenção, estão o distanciamento físico social, de modo a evitar aglomerações. O período de quarentena no Brasil iniciou em março de 2020 e seguirá até a distribuição massiva de vacina à população mundial. Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 25 set. 2020.

Apontamos que a maioria das mediadoras utilizam simultaneamente *Instagram* (92,6%), *WhatsApp* (79,6%) e *Facebook* (75,9%) para comunicação e organização dos encontros. O intenso uso do *Instagram* pode se dever à possibilidade da replicação dos convites pelo perfil oficial do projeto. O caráter assíncrono e formal da comunicação por e-mail sugere sua baixa utilização (14,8%), sendo instrumento mais útil a um primeiro contato com as coordenadoras nacionais para esclarecimento de dúvidas sobre a formação dos clubes do que à comunicação rotineira entre as mediadoras locais e as leitoras.

Os dados acerca das redes sociais dos clubes contrastam com uma pesquisa manual na aba “Sobre nós” no site do projeto, em 03 de julho de 2020, onde encontramos 107 cidades com grupos no *Facebook* e 65 com página no *Instagram*, ou seja, um maior uso do *Facebook*. Destes municípios, constatamos que 65 gerenciam apenas grupo no *Facebook* e 22 possuem somente página no *Instagram*. Por outro lado, 42 apresentam simultaneamente grupo no *Facebook* e página no *Instagram*. Uma cidade possui página no *Facebook* e no *Instagram*, sem o uso de grupo. Por último, a busca no site demonstrou que não há indicação de redes sociais em 33 cidades, o que pode significar que a comunicação aconteça somente via grupos privados no *WhatsApp*, como apontado pela alta porcentagem do uso do aplicativo de mensagens.

Quanto à participação masculina, apesar dos círculos estarem abertos a todas as pessoas interessadas em literatura de autoria feminina, 74,1% das mediadoras apontou a presença de homens como rara ou esporádica. Nesse ponto, a tese de Sedo (2003) aponta que em clubes de leitura norte-americanos compostos majoritariamente por público feminino, a presença de homens gerava desconforto entre algumas participantes. Os estudos de Petit (2010) corroboram para essa questão, ao indicarem a ausência ou raridade de homens em grande parcela dos clubes com os quais a antropóloga teve contato.

Em contrapartida, as diretrizes do Leia Mulheres determinam que todas as pessoas, independentemente de sua sexualidade ou demais marcadores sociais, são bem-vindas nos clubes, pois o projeto também visa romper com a ideia de que livros escritos por mulheres seriam uma literatura “de nicho”. (LEUNROTH, 2020).

Consumo: curadoria, escritoras, gêneros literários e acesso às obras

Com possibilidade de múltipla escolha na pergunta sobre a curadoria das obras, 81,5% das mediadoras indicaram que os livros são selecionados por votação entre os

membros, enquanto 38,9% apontaram que elas escolhem as obras. Segundo relatos na opção “outro”, em alguns clubes as mediadoras fazem uma pré-seleção de alguns títulos para votação pelos participantes, ou seja, haveria uma espécie de curadoria com a participação tanto das mediadoras quanto das leitoras e leitores.

Sobre as mulheres lidas nos clubes, grande parcela das mediadoras (70,3%) informou que são visibilizadas, com frequência ou sempre, autoras que estão fora da lista dos mais vendidos. O restante (29,6%) marcou a opção “às vezes”. Em complemento a isso, de acordo com levantamento das mediadoras nacionais no festival mencionado anteriormente, os seis livros mais lidos nos clubes em 2019 foram: *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, lido em 26 cidades; *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, em 25 cidades; *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, em 24 cidades; *Persépolis*, de Marjane Satrapi, em 18 cidades; *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei, em 17 cidades; e *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em 14 cidades. (LEUNROTH, 2020). A presença de três mulheres negras brasileiras e de uma iraniana na lista das mulheres mais lidas nos clubes manifesta a preocupação do Leia Mulheres com a diversidade étnico-racial das escritoras e das narrativas selecionadas, valorizando também a literatura nacional e as interseccionalidades entre gênero, raça e classe nas obras.

A maioria das mediadoras (66,7%) apontou que o gênero literário mais lido no seu clube é o romance (histórico, contemporâneo, romântico, de fantasia etc.). Em segundo lugar constam as obras de não-ficção (biografias, textos acadêmicos, memórias etc.), representando 24,1%. Contos e poesias são lidos, mas não predominam sobre romances. Podemos notar no mapeamento apresentado pelas coordenadoras que quatro dos seis livros mais lidos são romances. Entre os demais, tem-se uma coleção de contos (*Olhos d’água*) e uma biografia (*Quarto de despejo*).

Percebemos que os modos de aquisição dos livros variam bastante. Cerca de 70% das mediadoras respondeu que as leitoras e leitores consomem simultaneamente obras em lojas online, em livrarias ou sebos, via empréstimo – em bibliotecas ou entre amigos – ou via disponibilização de e-book, indicando que nos clubes Leia Mulheres as práticas de leitura transitam entre o impresso e o digital.

Ainda assim, destacamos que os maiores índices de acesso se deram mediante compras em lojas virtuais (83,3%) e por meio de ebooks (83,3%). Esse dado deve ser analisado considerando o momento de isolamento social no Brasil, com fechamento de livrarias físicas e regras sanitárias rigorosas para o manuseio de entregas presenciais.

Mediação de leitura: debates, motivações pessoais, descrição dos clubes e feminismo

Questionadas em relação à quantidade de organizadoras, 64,8 % das respondentes notificou que os seus clubes possuem três ou mais mediadoras. De 21 respondentes que haviam marcado encontros presenciais com limite de dez pessoas, 11 indicaram possuir três ou mais mediadoras, ou seja, o número de participantes não necessariamente é proporcional ao número de mediadoras.

Os debates dividem-se entre conversas livres conduzidas por alguns tópicos gerais (57,5%), reuniões sem roteiro ou regras (33,3 %) e bate-papo com roteiro de perguntas (9,3%). Em resposta aberta, algumas mulheres contaram que geralmente no início da reunião fazem uma breve introdução da autora, sugerem algumas questões e partem para o debate livre sobre a obra.

Entre as motivações pessoais para mediar os encontros, as respondentes citaram, entre outras questões: incentivar, disseminar, divulgar, compartilhar, valorizar e facilitar o acesso à literatura escrita por mulheres. Nesse viés, na penúltima pergunta do questionário, solicitamos um exemplo de como elas convidariam alguém para entrar no seu clube. As palavras mais repetidas em suas exposições descreviam o Leia Mulheres como um espaço acolhedor, aberto, plural, livre, afetuoso, igualitário, diverso, inclusivo e democrático.

Por fim, interrogamos se os debates ocorridos nos encontros seriam de caráter feminista. Duas respondentes se abstiveram e, do restante, 92,5% alegaram que as reuniões possuem viés feminista. Uma das coordenadoras nacionais evidencia que o projeto “[...] é feito por mulheres de esquerda, logo, feministas.” Entre as demais exposições, destacamos dois comentários de diferentes mediadoras: uma delas afirma que “[...] um grupo de mulheres, mediado por uma mulher, conversando sobre obras escritas por outras mulheres, não tem como não ter o feminismo presente em nossos debates.”. Outra assinala que, pela sociedade ser estruturada na opressão de gênero, é “impossível que estas questões não apareçam (em diferentes graus) nas obras que lemos, então sempre retornamos a essas questões e as discutimos abertamente.”

Isto posto, é possível constatar que as questões relativas ao gênero se vinculam de diferentes maneiras às práticas de leitura nos clubes Leia Mulheres, conduzindo os debates, a escolha das obras, a mediação local e a coordenação nacional do projeto.

Considerações finais

Os relatos e dados coletados apontam o cunho político do projeto Leia Mulheres, em consonância com as investigações de Petit (2010) junto a mediadoras de leitura na América Latina, cujos clubes assemelham-se a coletivos militantes na busca democrática pela voz ativa das suas frequentadoras. As motivações pessoais dessas mulheres, com alto nível de instrução educacional, para liderarem clubes locais em suas cidades e promover a literatura de autoria feminina perpassam pela denúncia da desigualdade de gênero no mercado editorial, mas também se relacionam a marcadores de classe e raça. Mesmo assim, as obras lidas sugerem uma pluralidade na curadoria de autoras e narrativas. Dessa maneira, a análise indica que os clubes Leia Mulheres são indissociáveis dos movimentos feministas e das questões relativas ao gênero, embora algumas mediadoras não reivindiquem esse cunho político.

A mediação da Internet se constituiu essencial para a expansão coletiva do Leia Mulheres a outros municípios, sendo igualmente necessária para a divulgação e visibilidade dos clubes mensais e das ações do projeto, aspecto a ser aprofundado no desenvolvimento da dissertação. A partir de informações no website, participações no canal do *Youtube*, gerenciamento das páginas no *Instagram* e de grupos no *Facebook*, essas receptoras criam estratégias de comunicação que ultrapassam os encontros presenciais locais, contribuindo para a manutenção dessa comunidade de leitoras, apesar das adversidades enfrentadas por municípios sem fomento à leitura.

Nos clubes Leia Mulheres, as práticas de leitura compartilhada perpassam por uma série de técnicas e rituais de acordo com as lógicas das redes sociais utilizadas e das dinâmicas presenciais, procedimentos que se revelam autônomos e distintos para cada clube de leitura, conforme suas particularidades locais. Reforçamos ainda que os hábitos de leitura são diversos, mediante o consumo de obras em formato impresso e digital.

Dito isso, ressaltamos que a pesquisa exploratória com as mediadoras foi fundamental para o avanço da problemática da dissertação no sentido de corroborar para a pertinência do alinhamento com os estudos de gênero, ainda pouco aprofundados no espaço limitado deste artigo inicial. Sinalizamos, portanto, que as mediações identitárias e as mediações tecnológicas – ambas articulações estruturadas em ordens distintas – deverão ser investigadas com maior rigor, sem esquecer que a prática sociocultural da leitura, como adverte Chartier (2011), está sujeita a múltiplos contextos e apropriações.

REFERÊNCIAS

ARDÈVOL, Elisenda; ESTALELLA, Adolfo; DOMÍNGUEZ, Daniel. **La mediación tecnológica en la práctica etnográfica**. Donostia: Anjulegi Atropolfia Elkartea, 2008.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais**. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FADANELLI, Sabrina Bonqueves; DALL'AGNOL, Samira. Círculos de leitura em ambientes não formais de educação: estudos e reflexões. **Claraboia**, n. 16, 2020.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Instituto Pró-Livro, 2020.

LEUNROTH, Juliana. Festival Leia Mulheres – **Mesa de abertura**. 2020. (1h 2min 35seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qsf0VFwYbrg>>. Acesso em: 21 set. 2020.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 65-80, jan./jun. 2014.

LOUSA, Pilar; SANTOS, Maria Clara. Leia Mulheres: Literatura, empoderamento e divulgação da autoria feminina em Goiânia. **Em Tese**, v. 22, n. 3, p. 62-77, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. **Matrizes**, v. 12, n. 1, p. 9-31, 2018.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

RIBEIRO, Ana Elisa. O apagamento das mulheres editoras. **Itinerários** – Revista de Literatura, n. 47, 2018.

SEDO, DeNel. Badges of wisdom, spaces for being: A study of contemporary women's book clubs. **Tese de Doutorado**. Simon Fraser University. Escola de Comunicação. Burnaby, Canadá, 2004.

_____. (org.) **Reading communities from salons to cyberspace**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.

TOMAZETTI, Tainan. Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil (1972-2015). **Tese de doutorado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2019.